



VIDAS SUSPENSAS EM TEMPOS DE PANDEMIA:
OLHARES E DISCURSOS PLURAIS DA CRÓNICA

LIVES SUSPENDED IN TIMES OF PANDEMIC:
PLURAL LOOKS AND DISCOURSES OF CHRONIC

José Cândido de Oliveira MARTINS¹

¹ Professor Associado da Universidade Católica Portuguesa (Braga) e membro integrado do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH). Membro da Direção da AIL – Associação Internacional de Lusitanistas; e Editor responsável da Plataforma 9 – Portal Cultural do Mundo de Língua Portuguesa.

RESUMO

A recente pandemia à escala global, que ainda testemunhamos incrédulos, desencadeou múltiplas reacções no atual espaço público. Nessa diversidade de pronunciamentos verbais, merecem destaque os ensaios e estudos de pensadores e sociólogos, mas também outros discursos verbais, no quadro geral da argumentação enquanto parte integrante da análise do discurso. Também no campo literário e cultural, entre outras formas discursivas, tem-se destacado um género multiforme, a crónica. Em Portugal como no Brasil, vários cronistas têm analisado este fenómeno sanitário e social da pandemia, nas suas várias dimensões, servindo-se de várias estratégias discursivas, desde a reflexão de índole ensaística, até às manifestações de humor e de ironia, conjugando assim um registo plural, ora sério e dramático, ora gracioso e cómico, mas sempre de natureza crítica. Neste contexto, propomos a análise crítica de um livro em particular, da autoria de Isabel Cristina Mateus, onde a crónica ora reflecte com seriedade sobre vários temas, ora dá lugar a um humor saudável.

PALAVRAS-CHAVE

crise; crónica literária; pandemia; reflexão; ironia; Isabel Cristina Mateus.

ABSTRACT

The recent global pandemic, which we still witness incredulous, has triggered multiple reactions in the current public sphere. In this diversity of verbal utterances, the essays and studies of thinkers and sociologists deserve to be highlighted, as well as other verbal discourses, in the general



framework of argumentation as an integral part of discourse analysis. In the literary and cultural field, among other discursive forms, a multiform, chronic genre has been highlighted. In Portugal, as in Brazil, several chroniclers have analyzed this sanitary and social phenomenon of the pandemic, in its various dimensions. They have been using various discursive strategies, from the reflection of an ensaistic nature, to the manifestations of humor and irony, thus combining a plural record, sometimes serious and dramatic, sometimes graceful, and comical, albeit always critical. In this context, we propose the critical analysis of a particular book, written by Isabel Cristina Mateus, where the chronicle alternatively reflects on various seriously taken topics, and humorously taken ones, in a healthy witty mood.

KEYWORDS

crisis; pandemic; literary chronicle; reflection; irony; Isabel Cristina Mateus.

I

SARS-COV-2 E TEMPO DE PANDEMIA

Identificado na cidade Whuan (província de Hubei, China), o novo coronavírus SARS-CoV-2 começou a provocar as primeiras infecções na Europa e no mundo ocidental em Janeiro de 2020. Daí para cá, a pandemia alastrou a todo o mundo, tendo motivado dezenas de milhões de infectados e mais de dois milhões e meio de óbitos em um ano, números em permanente crescimento. A surpresa do vírus e do ritmo da sua propagação,

o relativo desconhecimento científico e a falta de terapêuticas eficazes, e sobretudo as graves consequências para a saúde e para a vida quotidiana da humanidade, tudo causou uma compreensível reacção de alarme e de medo à escala global.

No quadro mais geral, fora do campo literário específico, é compreensível que o fenómeno da pandemia tenha desencadeado um apreciável conjunto de reflexões, com enfoques muitos distintos, por parte de ensaístas, cientistas, filósofos, politólogos, etc. Disso é bom exemplo o volume colectivo, editado digitalmente, intitulado *Sopa de Wuhan*, agregando nomes tão diversos como Giorgio Agamben, Slavoj Žižek, Jean Luc Nancy, Judith Butler, Byung-Chul Han, Alain Badiou, num total de quinze autores².

A realidade da pandemia Covid-19, o obsessivo tratamento mediático, os legítimos temores das pessoas, ao longo de mais de um ano, não podiam deixar de desencadear reacções ao nível do pensamento contemporâneo, mesmo que sejam avaliações críticas de carácter compreensivelmente muito díspar. Ora se afirma que o fenómeno da pandemia constitui um golpe decisivo para o sistema capitalista global; ora se analisa o crescimento de uma viragem autoritária no mundo ocidental. Ao mesmo tem-se consciência de que outros vírus e pragas sociais (da chaga da pobreza extrema, da crise de refugiados, do racismo difuso, do islamismo radical, da catástrofe climática, dos extremismo populistas, entre outras ameaças) ficaram quase silenciados, como se não existissem (cf. LÉVY, 2020, p. 88). Neste enfrentamento de um inimigo singular, numa coisa os pensadores parecem estar mais ou menos

² Alguns destes autores também publicaram individualmente sobre o assunto – é o caso de Slavoj Žižek (2020), um dos autores referidos, aliás, por Isabel Cristina Mateus (cf. 2020, p. 26) no texto introdutório do seu livro, objecto de detida análise adiante.



de acordo – num futuro próximo, após a vacinação em massa, será muito difícil regressarmos à normalidade pré-pandemia.

Muitas outras publicações colectivas se poderiam convocar, acentuando a premência do tema e das suas lições, com proveniência e espírito muito diversos, como a do volume temático intitulado *Diary of a Pandemic* (2020), resultado da reunião de textos antes editados no âmbito do *Blog* “Reflections and articles dealing with the COVID-19 crisis”. No espaço público, através de múltiplos debates em diversas plataformas, o fenómeno da pandemia potenciou uma reflexão ampla e urgente sobre várias questões da realidade social, vulnerabilidades já existentes, agora tornadas mais visíveis ou gritantes.

Além de serem editadas nos últimos meses, estas e outras publicações têm em comum pensarem as imensas consequências desta crise sanitária mundial, na qual ainda estamos imersos, com enorme impacto a nível humano e social, nos sistemas de saúde, na área da economia e do trabalho, no sector do ensino, enfim, nos hábitos quotidianos da vida das pessoas e das suas relações interpessoais.

Definitivamente, em poucoíssimo tempo, uma verdadeira onda de tsunami pandémico alastrou ao mundo inteiro, não deixando ninguém indiferente. E ainda hoje, mau grado os avanços científicos, são bem mais as interrogações que se levantam sobre o mundo pós-pandemia. Como sugerem alguns pensadores, paradoxalmente ou não, “a pandemia não é o acontecimento”, mas antes o que decorre dela, o que ela nos revela – e no contexto do isolamento preventivo, um dos acontecimentos do momento é mesmo o recurso às tecnologias de remediação digital (cf. CACHOPO, 2020, p. 9).

Assim, analisando o ponto de vista de outros ensaístas, para João Pedro Cachopo, uma referência crítica importante é Zygmunt Bauman e a sua visão

de uma sociedade líquida, nesta nova fase de milhões de pessoas conectadas digitalmente, expondo-se emocionalmente afectadas com fragilidades diversas (dependência do digital, perigos da vigilância, controlo de dados, etc.), ao mesmo tempo que se silenciam outras crises relevantes, como a ambiental. Neste contexto, coloca-se a hipótese de que “a pandemia precipitou uma torção dos sentidos que nos ligam ao mundo – constitui uma radicalização do pressuposto da segunda pergunta: o pressuposto – que não é consensual – de que há algo profundamente transformador nesta crise”. (CACHOPO, 2020, p. 60, 25).

Naturalmente, à imagem do que foi ocorrendo em outros países, em Portugal os *mass media* noticiaram e comentaram abundantemente a evolução dos acontecimentos, com acentuada dose de dramatismo. De um modo geral, pode dizer-se que os frequentes textos de opinião que – nos *media* e nas redes sociais – se debruçaram sobre o assunto, se perdem na voragem e efemeridade dos dias, não deixam memória significativa, apenas se destacando as publicações que, sob a forma de livro ou outra forma de registo, atestam de uma forma mais perene o imenso choque da pandemia.

Definitivamente, a pandemia subvertiu profundamente nossa vida quotidiana, sendo possível falar numa alteração profunda da vida em tempos da Covid – isso mesmo é veiculado pela antologia de textos organizada por Alberto dal Campo Tejedor (2020), *La Vida cotidiana em Tiempos de la Covid*. A partir do horizonte das ciências sociais e no contexto de muitas incertezas, tendo em conta uma nova *antropologia da pandemia*, vários autores pensam o actual fenómeno da pandemia e das inúmeras mudanças introduzidas na vida pessoal e social, com consequências ainda imprevisíveis.

Além de mostrar a enorme fragilidade da nossa civilização humana, para alguns esta pandemia aponta para um facto – a mundialização do século



XXI ser chinesa (cf. LÉVI, 2020, p. 98). Tudo isso mostra sobretudo como estamos imersos no vastíssimo e actuante interdiscurso actual em torno da pandemia, com um *ethos* de crise acentuada e com múltiplas faces, sem paralelo na história recente (cf. ORLANDI, 2015, p. 30). Ao mesmo tempo, nesse omnipresente interdiscurso estabelecem-se múltiplos enquadramentos históricos deste crise pandémica e de outras que foram ocorrendo ao longo da História (cf. SNOWDEN, 2020; e RAOULT, 2021). Em termos de metodologia crítica, este tipo de formulações discursivas prestam-se a um estudo da argumentação usada em termos de análise do discurso.

DISCURSOS LITERÁRIOS SOBRE A PANDEMIA

Já se escreveu que a tremenda epidemia que assolou intensamente a Europa há cerca de um século (a conhecida Gripe Espanhola de 1918-1920), dizimando cerca de cem milhões de pessoas, não inspirou significativamente escritores maiores no espaço europeu, incluindo o português (cf. KUPPERBERG, 2008; MARTINS & RODRIGUES, 2020). Em todo o caso, o tema do confinamento ou do isolamento deu corpo a um número significativo de histórias, desde contos até à conhecida narrativa de Albert Camus, *A Peste* (cf. MANGUEL, 2021). No entanto, de forma bem diferente, a presente pandemia tem originado uma assinalável variedade de discursos em Portugal e no Brasil, nomeadamente ao nível da imprensa, sem esquecer o espaço das redes sociais no espaço digital. Um dos casos mais singulares no espaço português é o recente livro de crónicas de Isabel Cristina Mateus, *Janela Indiscreta: Crónicas da Emergência* (2020), com prefácio de Fernando Pinto do Amaral.

É verdade que o mundo de hoje se mostra profundamente diferente, desde logo no plano de uma intensa comunicação de massas, típica da *sociedade em*

rede (CASTELLS, 2002) em que vivemos imersos, e da consequente facilidade de interação dos cidadãos, com outras potencialidades de pronunciamento no novo espaço público mediático. É esse justamente o caso da origem destas quase cinco dezenas de crônicas de Isabel Cristina Mateus, estruturadas em três “temporadas”, iniciadas a 19 de Março e encerradas a 27 de Maio de 2020. A sua escrita inicial aconteceu no espaço de uma rede social (*facebook*), originando automaticamente um grupo entusiasmado de leitores, seguidores das suas crônicas periódicas. Daí até à reunião das crônicas em formato de livro impresso foi um pequeno passo, também ele aguardado por muitos desses leitores iniciais.

Naturalmente, este livro de Isabel Cristina Mateus não é caso único no actual panorama português, embora seja raro no seu género específico sobre este tema da actualidade. Em todo o caso, do nosso conhecimento e no panorama português de 2020, o livro de crônicas de Isabel Cristina Mateus parece-nos ser, até ao momento, um dos poucos dedicado exclusivamente ao tema da pandemia. Apenas poderíamos associar um outro livro, de Amadeu Carvalho Homem (2020), *Crônicas da Peste Mansa*, de pendor autobiográfico, relatando a vivência destes tempos de pandemia.

Em géneros discursivos diferentes, outros autores têm publicado textos mais ou menos influenciados por estes tempos cinzentos e preocupantes da pandemia Covid-19, que se arrasta sobretudo desde Março de 2020, embora as notícias preocupantes tenham começado a circular em finais de 2019. A título de exemplo, entre essas publicações, não muito frequentes, mencionem-se crônicas de António Carlos Cortez (2020) que, esporadicamente tocam o tema; e também Eugénio Lisboa, *Poemas em tempo de peste* (2020), optando por uma escrita humorada e facécia em tempos de crise geral.



Do outro lado do Atlântico, no espaço lusófono do Brasil, o número de publicações inspiradas pela pandemia é mais significativo e diversificado. Aqui os textos expressamente escritos sobre os tempos de pandemia mostram-se mais frequentes e ricos em sua diversidade. Sirva de exemplo rápido o volume colectivo digital organizado por Jorge Marques (2020), *Quarenta em Quarentena – 40 visões de um Mundo em Pandemia*, onde quatro dezenas de autores (brasileiros e portugueses) se pronunciam sobre os diferentes tempos da pandemia em géneros e discursos verbais diversos (da poesia à prosa). São textos bastante breves, estruturados em várias partes (*Prólogo Poético, Fim, Medo, Solidão, Amor, Começo, Epílogo Poético*), escritos no calor do fenómeno, em registos plurais que vão da tristeza e preocupação pela doença e pela morte; até à expressão dos afectos e da esperança, em cujo *incipit* do preâmbulo – “Um livro que começa pelo fim” – se pode ler: “É o fim do mundo – ou, pelo menos, é o fim de um mundo. A pandemia que nos assombra neste ano de 2020 muda os paradigmas sociais, económicos e afetivos da humanidade”.

Num livro intitulado *Crônicas de Dias Desleais: ultraneoliberalismo, neofascismo e pandemia no Brasil*, e em plano desenrolar da pandemia, também Felipe Demier (2020) nos propõe uma ampla reflexão sobre os aspectos implicados na crise geral e o que o ela releva da nossa sociedade modo de viver e de conceber a vida política. Nestas breves crónicas, assumidamente engajadas na realidade sócio-política do Brasil contemporâneo e como de resistência a esse tão desafiante quotidiano, o autor aponta uma remota possibilidade de esperança:

Só a ciência, a pesquisa, a coletividade, o planeamento e um sistema de saúde público e eficiente poderão nos salvar, e estes só o farão se,

ainda que temporariamente, se libertarem das amarras do capital, da sua ganância e da sua vileza que hoje não mais erguem, mas apenas destoem e infectam coisas belas. O mundo será outro depois dessa pandemia (*ibidem*, p. 60).

A estes livros saídos no Brasil, poderíamos ainda acrescentar outros – como o da jornalista Ana Clara Garmendia (2020), *O Mar é Logo Ali: crônicas pandêmicas*, também ele preenchido por cinquenta crônicas vividas no dia a dia do seu confinamento em Paris, onde trabalha. São textos breves, originalmente publicados nas redes sociais, onde o real imaginário se misturam, aparecendo personagens que vivem estes tempos insólitos, entre diversas confissões e manifestações de humor. Também em *Letras da Quarentena: escrita de mulheres*, livro organizado por Terezinha Pereira e Maria de Fátima Moreira Peres (2020), se reúnem textos de autoria feminina, mais concretamente de vinte e uma mulheres, numa variedade de gêneros discursivos sobre essa experiência da pandemia – crônicas, contos, poesia, depoimentos.

Decorre desse brevíssima panorâmica o predomínio da crônica, enquanto gênero em prosa, mais congenial à expressão do insólito quotidiano no espaço mediático. A pandemia domina obsessivamente cena mediática, nomeadamente na pena dos cronistas, como Luís Pedro Nunes (2021) dá nota: “Há um ano que escrevo sobre a pandemia, o vírus e o confinamento. Não tenho alternativa”. Havendo claramente um antes e um durante a pandemia: “As relações, o sexo, o desejo, a forma como comunicamos, como dividimos as tarefas domésticas, como estudamos, como nos divertimos, viajamos, como pensamos e agimos no dia a dia tudo isso forma o que se pode chamar de vida quotidiana e entrou em crise. Ou melhor: colapsou.”



Na impossibilidade de ler, crítica e comparativamente, várias obras que se inspiraram nestes tempos da pandemia, detenhamo-nos num desses livros, para analisarmos alguns aspectos estruturantes da prosa reflexiva das crónicas de Isabel Cristina Mateus, enquanto modalidade de argumentação no discurso. Deste modo, partimos do pressuposto aceite de que a argumentação é uma “dimensão constitutiva” da análise do discurso (cf. AMOSSY, 2018, p. 18).

II

SENSIBILIDADE APOCALÍPTICA E EMOÇÕES MÚLTIPLAS

De repente, tendo como fonte a prolongada pandemia, fomos assolados por uma quantidade de emoções e de sentimentos, entre a incredulidade e a surpresa, o medo e a ansiedade, o desnorte e a solidão. Recorrendo a um conhecido título de Frank Kermode, temos quase vivido numa atmosfera de *sensibilidade apocalíptica* (*sense of an ending*). Cada crise constitui uma forma repensarmos o modo de viver, analisando o tempo que lhe subjaz, num discurso mais ou menos apocalíptico. Como nos lembrava Aristóteles, o tempo não pode existir sem uma alma para o contar; e especialmente os cronistas têm perfeita noção desta ideia – superar a efemeridade dos dias (e até de algumas formas de comunicação) através de uma reflexão que supere esse carácter tão transitório.

Também para a autora de *Janela Indiscreta: Crónicas da Emergência*, o tempo desta pandemia impôs a urgente necessidade de dizer, pensar e sentir essa realidade inesperada. Porém, a cronista mostra-se longe dessa referida sensibilidade apocalíptica, antes privilegiando um ponderado afastamento

crítico face a discursos dramáticos e catastrofistas. Essa posição crítica não impede a manifestação dos mais diversos sentimentos e emoções, analisados a partir de si ou no olhar sobre os outros – afinal, traços reveladores de perfis e de sentimentos muitos diversos: estranheza, desconfiança, egoísmo, indiferença, medo, solidão, fragilidade, etc. Justamente, estes e outros traços pintam este “tempo aprisionado”, cujos contornos nos são dados através de uma singular e fecunda cartografia do olhar, envolta num permanente estado de alma: “Este silêncio vivido em modo de estranheza e solidão” (MATEUS, 2020, p. 77)³.

O tom geral das crônicas de Isabel Cristina Mateus é muito variado, mas profundamente enraizado na atmosfera vivida durante os meses desta prolongada pandemia de 2020, sobretudo no contexto do enorme impacto emocional do primeiro confinamento. A novidade e o efeito das medidas então tomadas, bem como a pouca informação disponível e o clima geral de grande ansiedade, tudo gerou uma plêiade de sentimentos, sendo um dos mais anotados o da solidão: “Sei de cor o nome da solidão. Sei-lhe a cor. O cheiro das sílabas nas noites quentes de verão. No café, no comboio, no quarto ou à janela, sou eu a mulher anónima que Edward Hopper perseguiu. Não tenho medo de um vírus mas temo a doença do medo. A febre do egoísmo e da indiferença. A nudez sufocante da palavra solidão.” (MATEUS, 2020, p. 37)⁴.

³ Para a cronista, nunca é demais acentuar o peso da solidão nestes prolongados meses de pandemia: “Somos todos recifes de solidão, diria Zygmunt Bauman, icebergs à deriva no frio mar do medo. Cruzeiros à procura de um porto. Do cruzeiro da minha rua, observo a dança das luzes e fico a pensar na dança dos pirilampos.” (MATEUS, 2020, p. 205).

⁴ A imagem simbólica da *janela*, como espaço sobranceiro para ver e ler o mundo à sua volta, conhece uma considerável fortuna literária, desde logo em duas escritoras e cronistas contemporâneas portuguesas, convocadas pelo discurso intertextual deste livro de crônicas – Maria Ondina Braga (1975, p. 121 ss.), de *A Revolta das Palavras*, quando evoca “a alegria e o entusiasmo das janelas”, na sua interminável tipologia; e Maria Judite de Carvalho (cf. 2019, p. 15), do livro de crônicas *A Janela Fingida*, quando destaca o poder de *visão* e sobretudo de *memória* das janelas.



De facto, as emoções são uma das grandes linhas de força destas crônicas, escritas numa subjectividade assumida e na singularidade de, a partir de uma janela e de uma rua, olhar o fenómeno global da pandemia, sem receio de exprimir constantemente sentimentos, enfim, “ler o global” numa evidente “cartografia íntima” (MATEUS, 2020, p. 27). Essa é, afinal, a assunção de uma natural fenomenologia da percepção – observar os fenómenos circundantes a partir de uma desperta emoção sensorial, o mesmo é dizer, de um olhar interior e de um corpo que vibra ao que o rodeia. Neste âmbito, Alberto Manguel (2021) afirma que sobretudo “o confinamento proporciona-nos *Slebstgefühl*, consciência de si”.

Numa palavra, a expressão das mais diversas emoções (*ex abundantia cordis*) é perfeitamente compreensível quer perante a emergência do insólito e do estranho de uma pandemia, por um lado; e, por outro, tem pleno cabimento na elasticidade do género da crónica, sendo uma das suas múltiplas qualidades. Como a cronista insiste em afirmar, a emoção é, legitimamente, uma das formas de melhor conhecer e de dizer o mundo⁵. Um traço preponderante deste discurso cronístico é justamente a dimensão do *pathos* enquanto estratégia de argumentação discursiva de apelo a diversos sentimentos. A emoção omnipresente constitui assim um traço assumido do *ethos* do locutor, mas sobretudo uma forma persuadir, seduzindo o auditório (cf. AMOSSY, 2018: 196).

DA MINHA JANELA VÊ-SE O MUNDO

“Da minha varanda vejo o mundo. E as tensões do mundo que afinal cabe todo na minha rua” (Mateus 2020, p. 49). Numa lógica especular entre o

⁵ Perspectiva que nos remete para a concepção explorada detidamente por Martha Nussbaum (1992, p. 48 *et passim*), de conhecimento através do amor, tal como proporcionado pela literatura.



local e o universal, de facto, a partir de uma janela indiscreta ou de uma rua pacata pode-se ver, ouvir e pensar o mundo – esse é um grande desiderato das crônicas de Isabel Cristina Mateus. Desde logo, sobressai nestes textos cronísticos uma declarada valorização dos sentidos, ainda mais requeridos nestes tempos de pandemia, a começar pelo tacto (proibido), mas sem nunca esquecer os cheiros e as cores.

E se aos sentidos juntarmos a inteligência crítica, resulta uma lente poderosa para observar o mundo neste “tempo detergente” (MATEUS, 2020, p. 51), à sombra de Ruy Belo: “Das varandas brancas do prédio em frente, escorre um verde-limo de chuva ou de lágrimas, um gotejar de tristeza de que só agora dou conta. Um choro verde que faz crescer em mim o desejo de cor, uma saudade das coisas, dos cheiros, das texturas, dos sons, dos sabores, das imagens, do real suspenso lá fora.” (*ibidem*, p. 164)⁶.

Ao mesmo tempo, censura-se de forma reiterada todos os excessos visíveis em tempos de pandemia – excessos nas atitudes, nos discursos, nas políticas – reveladores de falta de bom senso e de um ponderado espírito crítico. Afinal de contas, entre muitas outras lições, nunca é demais reiterar, esta pandemia revela algumas gritantes fragilidades e contradições desta sociedade globalizada e neoliberal.

⁶ É essa forma sensorial escolhida pela cronista para vibrar, corporeamente, perante as drásticas mudanças, como a da visão de uma cidade deserta, vista de forma intensa e antropomorfizada: “Dói-me a cidade. As suas ruas sem gente dentro. As montras que ninguém olha. As tílias sem perfume da avenida. O desamparo do coreto. Doem-me as cadeiras amontoadas, alinhadas junto às paredes do exterior, na Brasileira como se o coração da cidade tivesse parado. A dor é tão intensa que não consigo avançar mais. Não consigo olhar mais. Retomo o caminho de casa.” (MATEUS, 2020: 257). A pandemia desnudou sobretudo diversas vulnerabilidades, sobretudo ao nível das desigualdades sociais, dos sem-abrigo aos desempregados, numa chaga social palpável a céu aberto por acção deste vírus global, desde logo nos espaços urbanos, desafiando todas as formas de políticas de apoio, de solidariedade e de decência ética.



Muitas vezes nestas crônicas, basta um pormenor observado, seja no perfil e comportamento das pessoas, seja na própria natureza circundante, para desencadear a imediata e oportuna reflexão – um coro de rãs ou uma folha sobre as águas serve de pretexto para se repensar a necessidade de

uma mudança na nossa relação com a natureza, com a globalização e com os outros, sobre os quais teremos de reflectir depois desta pandemia. Não serei eu ingênua ao ponto de acreditar na bondade de um vírus, sabendo, como sei, que eles sempre andaram por aí à espreita desde que o mundo é mundo. Na bondade de um vírus ou dos homens. Somos da mesma estirpe do vírus. Tão predadores como ele. (MATEUS, 2020, p. 47).

Uma das justificadas reflexões incide sobre a própria linguagem, que trouxe novas semânticas de “palavras infectadas”, virando “a linguagem do avesso” (MATEUS, 2020, p. 274)⁷. Quando neste contexto de “dias fechados” se fala obsessivamente na “distância social” como medida sanitária fundamental, a cronista não hesita em comentar criticamente:

A maior distância não é aquela que se mede em quilômetros ou milhas mas a que vai da porta da nossa casa à porta em frente, à porta do vizinho que mora ao nosso lado. A maior distância é aquela que vai de coração a coração. O vírus mais não fez do que tornar visível um distanciamento anterior. (MATEUS, 2020, p. 49).

A crônica vai acompanhando com atenção a evolução dos dias de pandemia. Naturalmente também não escapam a este olhar crítico outras

⁷ Aliás, neste contexto de reflexão sobre a pandemia global tornou-se muito evidente o uso da doença como fonte de diversas metáfora, à imagem de outras doenças como a tuberculose, o cancro ou a sida (cf. SONTAG, 1977), que passaram rapidamente dos media para o discurso quotidiano, a justificar hoje um estudo, desde logo de natureza linguístico-semântica e cognitivo.



dimensões da crise, que todos os dias, através dos ecrãs, nos entram pela casa adentro no discurso inflamado e teatralizado dos *media* – a realidade é cada dia bem mais complexa do que certas ideias-feitas ou estereótipos apressados, como se assinala neste *ethos* profundamente reflexivo⁸:

Não sabemos ainda o número das vítimas do medo que se abateu sobre o mundo e vão muito para além dos números com os quais somos diariamente bombardeados nas televisões. Porque a viralidade não está apenas no vírus, mas na violência da repetição, na virulência infecciosa do discurso, no poderoso contágio do medo. Não sabemos ainda o número dos doentes que ficaram por tratar ou diagnosticar. O número de doenças mentais que crescem exponencialmente no confinamento doméstico. O número de desempregados ou de trabalhadores em *lay-off*, o número de empresas em situação de falência. O número dos que têm fome e todos os dias vejo a engrossar as filas de ajuda alimentar da Cruz Vermelha na minha rua. Só mais tarde estaremos em condições de poder avaliar. Por agora, não há contraditório de números. (MATEUS, 2020, p. 62).

Como seria expectável, também não faltam as observações críticas acerca do universo académico neste novo contexto pandémico – cronótopo bem conhecido da cronista –, num diagnóstico compreensivelmente crítico a que o *small world* (já satirizado por David Lodge) não escapa, em diversas e sérias considerações (ensino *online*, teletrabalho, a indistinção entre o local de trabalho e o espaço privado, as fronteiras entre a realidade e ficção, etc.), de que destacamos esta anotação, entre outras: “O que me aflige

⁸ Por isso, estas crónicas apresentam-se como continuada expressão de inquietações, com assertividade e sem tibiezas, nomeadamente sobre esta sociedade neoliberal, centrada na economia e nos rankings de produtividade, mas tantas vezes sem ética e sem rosto, sem solidariedade e sem humanismo. E que nesta acelerada evolução mais recente também procura encontrar formas de endeusamento do virtual, de “domesticação do pensamento”, fazendo recuar a palavra e rasurar a memória, parecendo não importar formar cidadãos muito informados e críticos (MATEUS, 2020, p. 290).



não é, portanto, o trabalho em casa mas a perda da liberdade, a ideia de obrigação ou de proibição a que sempre fui avessa. A bolha confortável do individualismo já suficientemente insuflada neste meio.” (MATEUS, 2020: 68). O encerramento repentino das universidades alterou tudo, gerando um outro ritmo de trabalho, numa voragem de tarefas e num “clima de alucinação”, assim tão pertinentemente sugerido:

A universidade fechou portas de um dia para o outro, sem pré-aviso. Professores, alunos e funcionários calafetaram-se em casa. O teletrabalho instalou-se. O mundo mudou mas não parou. Transferimo-nos para o mundo virtual. Andamos todos a zumar, a voar nas asas de um Colibri para as quais ninguém nos preparou e que, contra ventos e vírus, até nem voam mal. Os *meetings* e *webinars* sucedem-se, as aulas prosseguem, a procura de novas formas de interação, novas metodologias de ensino e de avaliação também, para além dos relatórios intermináveis, de inúmeras tarefas paralelas, dos emails que triplicaram e da investigação que continua imune a qualquer vírus. (MATEUS, 2020, p. 68-69).

Deste tempo fechado de pandemia, mesmo reconhecendo a saturação informativa dos *media*, sobram ainda imagens poderosamente sugestivas, que estas crónicas não deixam de evocar, de modo sentido e reflexivo, e que nos ficarão na memória afectiva deste tempo: cidades inteiras com as suas ruas desertas e bancos de jardim onde ninguém se senta; o íntimo desejo de ver as árvores (como a perfumada araucária) ou de sentir o mar; a figura de Andrea Bocelli a cantar solitariamente na majestosa catedral de Milão; a desamparada imagem do Papa na deserta imensidão da Praça de São Pedro; as múltiplas expressões humanas da carência de afectos e de ternura táctil; mas também a angústia estampada nos rostos anónimos, com empregos ameaçados, mesas parcas e manhãs incertos; entre outras



imagens marcantes deste tempo que vamos testemunhando. São imagens icônicas deste mundo de vidas suspensas, que não esqueceremos nas nossas vidas, pois ameaça a própria raça humana (cf. LÉVI, 2020, p. 10-11).

No fim de contas, neste cenário insólito e prolongado de dias confusos que se arrastam peganhentos, a cronista apresenta-se também como uma guardadora “de memórias e de imagens” (MATEUS, 2020, p. 125), não deixando de confessar-nos, empaticamente, o estremecimento de emoção perante essas imagens poderosas. Decorre do afirmado que, perante um auditório heterogêneo, com quem se dialoga de forma afável, estamos perante a progressiva construção de um *ethos* através do discurso cronístico: o orador ou voz que fala nestas crônicas elabora uma *imagem de si* construída no discurso verbal, enquanto locutora profundamente preocupada com as circunstâncias de um novo mundo anômalo (cf. AMOSSY, 2005, p. 145). Com uma componente pré-discursiva, mas sobretudo de ordem discursiva ou verbal, com índices autobiográficos, a credibilidade e autoridade deste *ethos* recorta a imagem de uma mulher, docente e acadêmica (peso institucional), profundamente implicada na descrição apreensiva do insólito cotidiano, bem visível nas diversas tonalidades da sua enunciação.

CÓMICO TEATRO DO MUNDO

Uma das formas de enfrentar uma pandemia é, seguramente, através de uma posição descomplexada e sobretudo humorada, que não embarque precipitadamente num temor descontrolado. Não significa desconhecer a gravidade do momento, mas antes não entrar em histerismos despropositados. Esse humor ilumina tempos cinzentos, de cenários silenciosos, cidades desertas, habitantes fechados em suas casas, é também uma forma de



resiliência, de distanciamento feito de observação e de sensibilidade. Também aqui sobressai uma inesperada estratégia discursiva valorizadora do *pathos*, contrapondo eficazmente elementos de humor e de cômico ao cenário geral de fundo dramático, sendo essa expressão afectiva dessas emoções uma forma de aliar razão e emoção (cf. AMOSSY, 2018, p. 196).

Essas aflorações de humor e de graça são uma luz em dias pesados e cinzentos de clausura, a partir do ponto de vista de um “James Stewart no feminino” vigilante na sua “janela indiscreta” (MATEUS, 2020: 50), ponto de observação privilegiado para ler o mundo à sua volta (cf. *ibidem*, p. 109). Nestes tempos de irrealidade, como não sorrir perante o insólito, o excesso ou o caricatural? No presente “exílio da alegria”, impõe-se convocar o humor possível e a beleza e a ternura: “A propósito, de que cor será um beijo?” (*ibidem*, p. 243). Neste tipo de discurso cronístico, deparamos constantemente com a “inscrição da afectividade no discurso”, argumentando-se com emoção e conciliando muito eficazmente *logos* e *pathos* (cf. AMOSSY, 2018, 2010).

Encontramos a presença desse humor saudável, ainda por cima neste contexto extremo de crise pandémica, em várias das reflexões que vão entretecendo as crónicas de Isabel Cristina Mateus, fruto de um olhar inteligente, impressionável e arguto. Por isso, certas anotações e determinados olhares têm o condão de alegrar a alma, impedindo angústias e pessimismos exagerados, ainda que não a prevalência de uma “suavidade melancólica” (MATEUS, 2020, p. 45), difusa e persistente, envolta pela nostalgia do que vamos perdendo.

Em muitas passagens, o humor pode originar-se em inteligentes jogos verbais, de que se torna difícil traduzir a graça ou ironia sem o respectivo contexto: antropoceno *versus* viruceno (MATEUS, 2020, p. 62); a “professora

sexy” que dá lugar à “pyjama lecture” (*ibidem*: 70); o “coronacoiso” (*ibidem*, p. 112); “Este vírus não é para velhos” (*ibidem*, p. 143); etc. Talvez a leveza do humor e a fruição da arte nos salvem nestes tempos de chumbo e nesta violenta sociedade do cansaço, tempos que nos levam às fronteiras do *burnout* ou da depressão. Em outros momentos, a cronista interroga-se sobre o impacto das transformações da pandemia ao nível das alterações ao nível do ensino, anotando com assertividade e sorriso irónico e distópico:

Temo que na cidade sitiada pelo coronavírus, a Universidade em geral procure «aproveitar a janela de oportunidade», como ouço dizer aos tudólogos da praça para quem um vírus é o profeta de um admirável mundo novo. Temo que ela se esteja a transformar no grande laboratório onde se vão testando hoje as estratégias comerciais de um amanhã sem vírus. Estratégias que apontam para uma universidade sem pensamento e sem rosto humano, reduzida a uma *brand* consumível à distância, brilhando no olimpo dos *rankings*” (MATEUS, 2020, p. 71).

Ao mesmo tempo, talvez ainda de uma forma mais evidente, o humor manifesta-se na captação e desenho de certos perfis de figuras que estão à janela do bairro, passam pelas ruas ou frequentam espaços públicos como os supermercados. De facto, no pequeno mundo da sua rua ou do bairro circundante habitam figuras por demais conhecidas – “Moram nele personagens estranhas e ao mesmo tempo familiares. Personagens que me são próximas, que me intrigam e me divertem, personagens de filmes e de livros que são a minha casa. A minha família.” (MATEUS, 2020, p. 261).

O observação fina e divertida compõe-nos imagens de figuras jocosas, hilariantes – só nunca são ridículas porque olhadas com evidente e contagiante ternura: sejam as três mulheres que frequentam assiduamente o supermercado,



cada uma com os seus tics, comparadas a “três graças da emergência”; seja a inefável e perfeita “mulher dos cabelos de nuvem! (MATEUS, 2020, p. 36, 95); seja também o memorável “guardador de promoções”, sedutoramente obcecado pelas campanhas dos mais variados produtos; seja ainda o vigilante da rua, com ares de Juan Tenório, sem esquecer o sedutor Popeye da rua (*ibidem*, p. 126, 263, 280).

Nesta considerável galeria de figuras memoráveis, sobressaem as femininas: a vizinha do lado (não a do filme da F. Truffaut), tão adepta das novas formas de distanciamento, feito de “ordem e assepsia”, num retrato corrosivo: – “Neste tempo detergente, a casa da vizinha mantém o velho odor da tranquilidade burguesa. Um subtil fascínio higienista”. Como seria de esperar, certas pessoas dão-se muito bem neste novo “teatro da distância” (MATEUS, 2020, p. 51, 53). Outras aproveitam para desfilar, perturbando a pacatez reinante: “A boazona do quinto esquerdo cultiva o *body*, apesar do fecho dos ginásios e da ecovia. Vestida a rigor para o *fitness*, vibrante de cor, toda esculpida e bronzeada, não há vírus que a detenha. Vê-la sair assim, tão formosa e bem segura, faz-me invejar quem não está em teletrabalho.” (*ibidem*, p. 52). Neste cortejo, predominam as figuras femininas, com destaque ainda para a coronela, uma senhora de que se sente a falta no vazio dos dias cinzentos:

De todas elas, a que mais me impressionava era a coronela. A sua chegada era anunciada ao longe pela histeria do caniche que sempre a acompanhava, ao fundo da trela esticada. A coronela é alta, elegante, cabelo louro platinado ao estilo da Snu, extravagante nas túnicas, nas calças à boca de sino, nos ponchos que gosta de vestir. Mas o must indispensável, o acessório verdadeiramente identitário eram os seus grandes óculos escuros que lhe davam um *look* Sofia Loren. Olhava-se para ela e tinha-se a sensação de termos entrado num filme dos

anos 60/70. Tinha qualquer coisa de buñueliano a iluminar-lhe o rosto ao fumar longamente o cigarro matinal, depois do breve café ao balcão.” (MATEUS, 2020, p. 57).

Através da janela ou caminhando pela cidade, outras figuras se vão construindo diante do deliciado leitor, perante estes tipos humanos desenhado com graça e acutilância, e envoltos no halo de ternura. O riso pode mesmo ser uma das formas de redenção possível nestes tempos de paralisia geral. Afinal de contas, metaforicamente, uma rua é um pedaço de um palco onde se aprecia o desenrolar da vida (*theatrum mundi*), com todas as cambiantes entre o dramático e o cómico. Ou não vivêssemos numa sociedade patologicamente narcísica, que mira obsessivamente a sua imagem em ecrãs. Uma coisa é certa: para quem tem real capacidade de olhar, “O mundo inteiro está ao alcance de uma janela” (MATEUS, 2020, p. 262). Definitivamente, num cenário de crise pandémica, o humor cativante toca o auditório destes textos, despertando (*movere*) os seus sentimentos, além da sua inteligência, mostrando-se um poderoso aliado do processo argumentativo, ao combinar productivamente *logos* e *pathos* no discurso (cf. AMOSSY, 2018, p. 206).

III

A CRÓNICA E O VÍRUS DA PALAVRA

Os textos de *Janela Indiscreta: Crónicas da Emergência* são um caso singular no recente panorama português, por ser um livro de crónicas integralmente dedicadas a dizer o insólito e o desamparo de uma pandemia, sem embarcar num alarmismo apocalíptico, antes salientando um saudável



hino à vida, por um lado; e, por outro, por serem crônicas escritas no feminino, quando sabemos que o gênero tem sido cultivado majoritariamente por homens⁹. Porém, as singularidades deste textos não se ficam por aqui. Perante a *travessia* da pandemia geral que se abateu à escala global, para a cronista Isabel Cristina Mateus impôs-se a necessidade e a urgência de dizer as imagens desencadeadas por esta catástrofe, numa palavra, manifestou-se o “vírus da palavra” (MATEUS, 2020, p. 28)¹⁰.

À maneira do afirmado por outra cronista, Elena Ferrante (2019) – a propósito das cerca de cinquenta crônicas semanais escritas para o jornal *The Guardian* ao longo de um ano –, também para Isabel Cristina Mateus não era possível adiar a escrita para “depois de”. Nesse sentido, são crônicas escritas *durante a travessia*, a partir de dentro ou “no interior” do fenómeno social (MATEUS, 2020, p. 24), a quente, e não numa posição de ulterioridade ou de exterioridade, com tudo o que isso implica, mesmo para uma “cronista improvisada”, cujo olhar crítico é potenciado pela prisão domiciliária neste “tempo suspenso” de pandemia. Em ambas as autoras, Isabel Cristina Mateus e Elena Ferrante, cada breve crônica é uma janela aberta para este mundo estranho e distópico, a partir de uma visão atenta e crítica, servida por uma manifesta sensibilidade e ternura, além de alimentada por uma ampla memória cultural, a janela ou varanda da memória convocada

⁹ Como nos confirmam, desde logo e de forma eloquente, as recolhas antológicas, como as organizadas por Ernesto Rodrigues (2003) e Fernando Venâncio (2004), bem como por Carina Infante do Carmo (2018).

¹⁰ Por isso a cronista não hesita em falar de uma *pulsão* para a escrita, à imagem de outros cronistas deste tempo: “Em todos estes dias, porém, a pulsão da escrita foi sempre em mim uma força de resistência, um instinto de vida. Um permanente ensaio do olhar e leitura do mundo.” (MATEUS, 2020, p. 211).



por este presente preenchido por um “quotidiano esvaziado de sentido” (*ibidem*, p. 129).

Em algumas das crônicas deste “tempo aprisionado”, a autora reflecte também sobre a impureza dos contornos ou fronteiras entre a crônica, o diário, o ensaio, o mesmo é dizer, entre a tradicional efemeridade do texto jornalístico e permanência da palavra literária, como Manuel António Pina enfatizava¹¹. Ora, este e outros pronunciamentos através da escrita cronística colocam-nos justamente outros tópicos conclusivos, decorrentes do que antes foi afirmado, que abonam em claro favor da notável qualidade deste livro de crônicas, na senda de uma riquíssima tradição. Aliás, não surpreende que na memória intertextual destes textos aflore um conjunto apreciável de cronistas.

Desde logo, também nas crônicas desta autora se evidencia a hibridez congénial do género da crônica. Escritores oitocentistas, de uma época áurea da crônica praticada por Eça de Queirós ou Machado de Assis, tinham plena consciência dessa dimensão, sobressaindo ainda a porosidade de fronteiras entre o jornalístico e o literário. O carácter aberto e flexível da crônica fora sublinhado pelo jovem Machado, quando já em 1859, compara o cronista ao

¹¹ Cf. a entrevista do escritor e cronista Manuel António Pina dada a Pedro Dias de Almeida (2012). A este propósito da efemeridade e inutilidade da palavra (e, por maioria de razão, da crônica jornalística), Manuel António Pina (2010, p. 15). continua a acreditar no esforço quotidiano de comunicar: “(...) temos de dizer tudo de novo todos os dias”, anotando: “O cronista é filho de Cronos, o tempo que passa, e a crônica vive o mesmo redundante destino do jornal que, como os velhos tipógrafos diziam, no dia seguinte serve apenas para embrulhar peixe (e que outro destino tem tudo senão o esquecimento?)”. Outra das cronistas convocadas pela escrita de Isabel Cristina Mateus é Lídia Jorge (cf. MATEUS, 2020, p. 11), e também ela enfatiza a essa proverbial indefinição de fronteiras do género da crônica, ao mesmo tempo que defende ser a crônica um tipo de texto que desafia o tempo: “Como não podemos vencer o Tempo, escrevemos textos que o desafiam, a que chamamos crônicas”. Em ambos os casos, a crônica assume a sua condição temporal e conseqüente fragilidade, pois Cronos tudo devora.



colibri ou beija-flor, esvoaçando livre e levemente de flor em flor; ou, em consequência, quando sublinha que a crônica opera uma “fusão admirável entre o útil e o fútil”, congregando o “sério” e o “frívolo” – o cronista tudo abarca, tudo lhe serve de matéria: “(...) ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as veias vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política” (ASSIS, 2013, p. 44-45).

Neste sentido, a crônica praticada por Isabel Cristina Mateus não só se mostra uma digna herdeira dessa tradição da crônica, como também, ao convocar outros gêneros e formas discursivas (da literatura ao cinema, da música à banda desenhada, entre outros diálogos intermediais), integra plenamente a crônica numa *poética do hibridismo* (cf. PEREIRA, 2020), tão típica da certa escrita contemporânea, que desde logo emigra do espaço virtual de uma rede social para a modalidade do livro impresso; e que, sobretudo, entrelaça fecundamente estilos, gêneros e formas bem diversos numa escrita de natureza ora intimista, ora reflexiva, com vocação simultaneamente diarista, ensaística e crítica. Entre outras qualidades maiores, esta poética exige apurada educação literária, refinado gosto estético e desenvolvida sensibilidade. Para além de um evidente discurso intertextual, que vai convocando muitos outros autores, sejam eles ensaístas, ficcionistas, poetas, cronistas, cineastas, etc. O discurso do orador dialoga constantemente com o discurso do Outro, em sintonia ou discordância. Esta dimensão do princípio dialógico é também componente essencial do *ethos* destas crônicas – um discurso que se vai tecendo dentro de uma rica memória intertextual e interdiscursiva (cf. AMOSSY, 2005, p. 97).

E tudo isto encontramos no hibridismo estilístico e discursivo desta *Janela Indiscreta: Crônicas da Emergência*, entre outros frutos do nosso primeiro confinamento pandêmico à escala mundial. Contrariando a voracidade de Cronos e transcendendo o tempo através da espessura contagiante das suas reflexões, beleza e poeticidade, crônicas como estas estão animadas por um manifesto sopro literário que as fará perdurar para depois desta circunstância. Mais do que o pretexto dos assuntos imediatos, referenciais e tempestivos, é a linguagem da crônica e a rica tessitura das modalidades da sua enunciação verbal que a tornam intempestiva, memorável e um discurso pleno de sentido (cf. ORLANDI, 2015, p. 13).

REFERÊNCIAS

AA. VV. **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. ASPO – Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio, 2020. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1bpWWb7X4CRi-VFyMIeQhtNEsIFneKmqk/view>. Acesso em: 21 fev. 2021.

_____. **Diary of a Pandemic**. Barcelona: Cristianism i Justícia Edition, 2020. Acesso em: 21 fev. 2021.

ALMEIDA, P. D. (2012). Entrevista a Manuel António Pina. Revista **Visão**, 19 de Outubro, de 2012 Disponível em: <https://visao.sapo.pt/atualidade/cultura/2012-10-19-entrevista-a-manuel-antonio-pinaf692243/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

AMOSSY, R. **Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.



----- **A Argumentação no Discurso.** São Paulo: Editora Contexto.

ASSIS, M. **Crônicas Escolhidas.** (Seleç., introd. e notas de John Gledson). São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2013.

BRAGA, M. O. **A Revolta das Palavras (contos e crônicas).** Lisboa: Bertrand, 1975.

CACHOPO, J. P. **A Torção dos Sentidos: pandemia e remediação digital.** Lisboa: Sistema Solar / Documenta, 2020.

CAMPO TEJEDOR, Alberto del (ed.). **La Vida Cotidiana em Tiempos de la Covid.** Madrid: La Catarata, 2020.

CARMO, C. I. **A Visagem do Cronista: Antologia de Crónica Autobiográfica Portuguesa (Séculos XX-XXI).** 2 Vols. Lisboa: Arranha Céus, 2018.

CARVALHO, M. J. **Obras Completas, IV (A Janela Fingida – O Homem no Arame – Além do Quadro).** Lisboa: Minotauro, 2019.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede.** Vol. 1 Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002 [1996].

CORTEZ, A. C. **Crítica Crónica: sobre Cultura, Educação e Sociedade (e Um Pouco de Política Também).** Lisboa: Guerra e Paz, 2020.

DEMIER, F. **Crônicas de Dias Desleais: ultraneoliberalismo, neofascismo e pandemia no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

FERRANTE, E. **A Invenção Ocasional.** (Ilustração: Andrea Ucini). Lisboa: Relógio d'Água, 2019.

GARMENDIA, A. C. **O Mar é Logo Ali: crônicas pandêmicas.** Curitiba: Garmendia editora, 2020.



HOMEM, A. C. **Crônicas da Peste Mansa**. Carviçais: Lema d'Origem, 2020.

JORGE, L. **Em Todos os Sentidos**. Lisboa: D. Quixote, 2020.

KUPPERBERG, P. **The Influenza Pandemic of 1918-1919**. New York: Chelsea House Publishers, 2008.

LÉVI, B.-H. **Este Vírus Que Nos Enlouquece**. Trad. João Luís Zamith e André Tavares Marçal. Lisboa: Guerra e Paz, 2020.

LISBOA, E. **Poemas em Tempo de Peste**. Lisboa: Guerra e Paz, 2020.

MANGUEL, A. O sentido do confinamento. **Revista E / Expresso**, nº 2521 (19 Fev. 2021), p. 38-43.

MARQUES, J. (org.). **Quarenta em Quarentena – 40 Visões de um Mundo em Pandemia**. Rio de Janeiro: Oficina da Raquel (Ebook), 2020.

MARTINS, M. & RODRIGUES, E. (orgs.). **A Universidade do Minho em Tempos de Pandemia: I – Reflexões**. Braga: UMinho Editora, 2020.

MATEUS, I. C. **Janela Indiscreta: Crônicas da Emergência**. (Prefácio de Fernando Pinto do Amaral. Ilustrações: Miguel Elias). Fafe: Editora Labirinto, 2020.

NUNES, Luís Pedro. Vidas sem quotidiano e sem café. **Revista E / Expresso** (5 de março de 2021), p. 76.

NUSSBAUM, M. **Love's Knowledge: Essays in Philosophy and Literature**. New York; Oxford: Oxford University Press, 1992.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 2ª ed. Campinas. SP: Pontes, 2015.



PEREIRA, P. A. *et alii*. **Mix & Match: Poéticas do Hibridismo**. Famalicão: Húmus, 2020.

PEREIRA, T. & Peres, M. F. M. (Orgs.) (2020). **Letras da Quarentena: escrita de mulheres**. Belo Horizonte: Todavoz Editora [disponível em: <http://anyflip.com/yiys/uzkw/basic>. Acesso em: 21 fev. 2021.

PINA, M. A. **Por Outras Palavras & Mais Crônicas de Jornal**. Antologia org. por Sousa Dias. Porto: Modo de Ler, 2010.

RAUOLT, D. **Epidemias – Verdadeiros Perigos e Falsos Alertas**. Lisboa: Editora Guerra e Paz, 2021.

RODRIGUES, E. **Crónica Jornalística: Século XIX**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

SONTAG, S. **Illness as Methaphor**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1977.

SNOWDEN, F. M. **Epidemias e Sociedade – da peste negra ao presente**. Lisboa, edições 70.

ZIZEK, S. **A Pandemia que Abalou o Mundo**. Lisboa: Relógio d'Água, 2020.

VENÂNCIO, F. **Crónica Jornalística: Século XX**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004.

